

**A REALIZAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA /e/
NOS DADOS DE TRÊS ATLAS LINGUÍSTICOS
DA REGIÃO NORTE⁸**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

Nesta pesquisa, analisa-se à luz da Dialetoлогия e da Geolinguística contemporânea, a realização da vogal pretônica /e/ na fala acriana, nos dados do projeto *Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)*. Em seguida, comparam-se os resultados do presente estudo aos de Pereira (2011), voltados para uma zona urbana de Rio Branco, aos do *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* e aos do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*. O objetivo, de modo geral, é apresentar um perfil da pronúncia da vogal pretônica /e/ no português falado no Acre, no Amazonas e no Pará, revelando um pouco das peculiaridades linguísticas dos falares amazônicos. Os resultados revelam um comportamento variável da realização da vogal pretônica /e/ nas quatro regionais analisadas no Estado do Acre (Alto Acre, Baixo Acre, Purus e Juruá), mas com tendência à pronúncia aberta, o que vai ao encontro das demarcações de Nascentes (1953). Da comparação dos dados com os de Pereira, verifica-se que, de modo geral, no estudo da autora, o sexo masculino apresenta maior tendência para a pronúncia fechada (61%), ao passo que nas realizações da presente pesquisa ocorre certa aproximação dos percentuais referentes às duas realizações. Da comparação entre os três atlas, nos dados do ALAM destaca-se o fechamento (46%) contrapondo-se a 28,5% da abertura, nos do ALiSPA há um equilíbrio entre a abertura (36%) e o fechamento (35%) e no ALiAC ocorre uma diferença não muito grande, 41,4% referente a abertura e 38,5% ao fechamento. Logo, os resultados levam à constatação de que os falares amazônicos possuem um comportamento variável e diferenciado no que se refere à pronúncia da referida vogal.

Palavras-chave: Vogal pretônica /e/. ALiAC. Falares amazônicos.

1. Introdução

A variação na pronúncia da vogal pretônica /e/ constitui-se em um elemento de diferenciação dialetal tanto no português brasileiro como no português europeu; trata-se de um fenômeno de alta produtividade, pois as vogais pretônicas /e, o/ podem ser realizadas abertas, fechadas ou alçadas dependendo da região ou mesmo do falante (NASCENTES, 1953;

⁸ Financiador: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

CÂMARA JR., 1976; SILVA, 1999; CALLOU & LEITE, 2004; MATOS E SILVA, [s.d.]).

Neste estudo, nosso objetivo é contribuir para a demarcação das realizações (aberta ou fechada) da vogal média pretônica /e/ na fala de três Estados da Região Norte, a saber, Acre, Amazonas e Pará. Em um primeiro momento, examinamos os dados do projeto *Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)*, buscando identificar o grau de abertura e fechamento do /e/ pretônico na fala de quatro Regionais do Acre: Alto Acre (Brasileia e Xapuri), Baixo Acre (Plácido de Castro e Rio Branco), Purus (Sena Madureira e Santa Rosa do Purus) e Juruá (Cruzeiro do Sul e Porto Walter). Traçamos um perfil dessa vogal nos dados mencionados e comparamos os resultados obtidos com os dados do estudo realizado por Pereira (2011), acerca da abertura e fechamento das vogais médias pretônicas /e, o/ em uma zona de Rio Branco, capital acriana.

Diante da proposta de apresentar um panorama dialetal da pronúncia da vogal pretônica /e/ nos falares dos três estados supracitados, em um segundo momento, comparamos os resultados nos dados do ALiAC aos registrados no *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* e aos do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*, apresentando, como produto, Cartas Geolinguísticas que registram as variantes respectivas a cada atlas, com seus percentuais.

Verificamos, em um terceiro momento, se a divisão estabelecida por Nascentes (1953) se aplica aos dados dos três atlas linguísticos: ALiAC, ALAM e ALiSPA, ou seja, se há maior tendência à pronúncia aberta da vogal pretônica /e/. Cabe aqui esclarecer que o alçamento não se constitui em nosso objeto de pesquisa e que os dados referentes a esse fenômeno constam apenas por haver ocorrências na amostra.

O trabalho estrutura-se da seguinte forma: Introdução; noções básicas do que vêm a ser dialetologia, geolinguística e atlas linguísticos, neste último caso, com uma breve apresentação dos já publicados; exposição das vogais pretônicas no português, em seu aspecto histórico, e de alguns estudos realizados no português brasileiro; aspectos metodológicos, com descrição do perfil dos informantes; das localidades da regional do Juruá e procedimentos de análise. Incluímos nessa parte pequena apresentação dos três atlas a cujos dados os nossos foram comparados; resultados e discussões (análise dos dados das quatro regionais; comparação com os dados de Pereira e, em seguida, com os do ALAM, os do ALiSPA e os do ALiAC), e, por fim, as considerações finais e as refe-

rências bibliográficas.

2. Dialetoлогия, geolinguística, atlas linguísticos

A dialetoлогия e a geolinguística constituem-se em áreas interdisciplinares da linguística que mantêm uma interface com vários outros campos do saber como a história (para a descrição histórica da região), a cartografia (para a elaboração do mapa-base onde serão inseridos os gráficos ou símbolos), a informática (para a armazenagem dos dados), a sociolinguística (para o estabelecimento de relações entre as formas de falar analisadas e a sociedade envolvente), a linguística histórica (para a compreensão dos fenômenos linguísticos em sua essência), entre outras (TELES, RIBEIRO, 2006; CARDOSO, 2010; ALENCAR, 2011).

Para Cardoso (2010, p. 15) “a dialetoлогия é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua situação espacial, sociocultural e cronológica”. A geolinguística, por sua vez é o “método por excelência da dialetoлогия”, e “ainda hoje se mostra eficaz para o conhecimento das variantes populares do português do Brasil” (CRUZ, 2004, p. 20).

Essa ramificação da linguística é comumente utilizada na construção de atlas linguísticos e para demarcar as variações linguísticas em pesquisas menores. Esse método “foi aperfeiçoado e difundido por Jules Gilliéron que, entre 1902 e 1910, publicou o *Atlas Linguístico da França (ALF)*, obra considerada como marco dos estudos dialetais e que muito contribuiria para o progresso da ciência da linguagem”. (CRUZ, 2004, p. 20).

Trata-se, segundo a literatura específica, de um método hábil e eficaz a ser empregado na análise linguística, pois registra, apresentando como resultados cartas que revelam alguns fenômenos de variação da fala.

Até o presente momento foram publicados doze atlas linguísticos no Brasil, sendo um regional e onze estaduais: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, FERREIRA, ISENSEE, 1963), *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais* – EALMG (RIBEIRO, ZÁGARI, GAIO, 1977), *Atlas Linguístico da Paraíba* – ALPB (ARAGÃO, MENEZES, 1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS (ROSSI, FERREIRA, ISENSEE, 1987), *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (AGUILE-

RA, 1994), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS (KOCH, KLASSMAN, ALTENHOFEN, 2002), *Atlas linguístico-sonoro do Pará* – ALISPA (RAZKY, 2004), *Atlas linguístico de Sergipe II* – ALS II (CARDOSO, 2005), *Atlas linguístico do Amazonas* – ALAM (CRUZ, 2004), *Atlas Linguístico do Paraná II* – ALPR II (ALTIÑO, 2007), *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul* – ALMS (OLIVEIRA, 2007) e, por fim, o *Atlas linguístico do Ceará* – ALECE (BESSA, 2010).

Os atlas linguísticos mostram a história e os avanços das pesquisas no âmbito da dialetologia e da geolinguística no Brasil, visto que, no decorrer dos anos, diversos pesquisadores estão mostrando as características e peculiaridades do português falado no Brasil. Nesse sentido,

a visão atual é bem diferente. Falamos do século XXI, em plena era eletrônica, em que o português passa por um processo de explosão e internacionalização do vocabulário. Um informante que mora no Ceará, sob influência do crescente poder dos meios de comunicação de massa (rádio, jornal, televisão), percebe rapidamente, que em outras localidades desse nosso imenso país, se fala diferente, principalmente, no que diz respeito à pronúncia, e que há diferentes maneiras para se dizer a mesma coisa, embora a língua nacional seja a mesma (ALENCAR, 2011, p. 27).

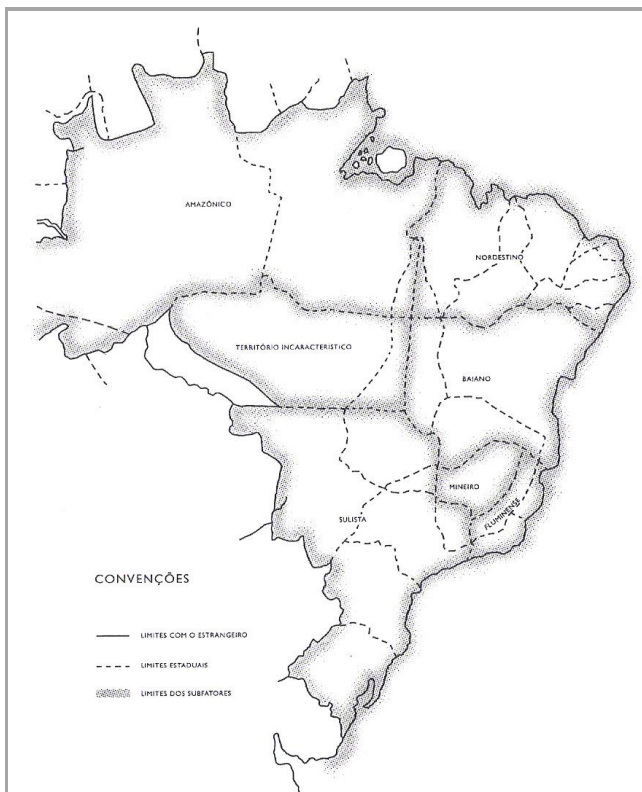
A importância dos atlas linguísticos reside na capacidade de mostrar de forma visual e bastante fácil, mesmo para os não especialistas, essa diversidade da língua, mas não se trata apenas de mostrar, pois os atlas se constituem em verdadeiros arquivos de uma variante falada em determinada época, em determinado lugar.

3. As vogais pretônicas no português

Sabe-se que Antenor Nascentes (1953) é um marco histórico nos estudos das vogais pretônicas no português brasileiro, tendo em vista o fato de ter dividido o Brasil em dois grandes grupos: o do norte (Amazonas, Pará até a Bahia) e o do sul (do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul). No mapa abaixo, podemos visualizar essa divisão dialetal antiga do português brasileiro, que até hoje é citada e comparada a outros estudos empreendidos tanto à luz da sociolinguística, como da dialetologia e da geolinguística.

Ao dividir o Brasil em dois grandes grupos, o do Norte e o do Sul, Nascentes (1953) diz que os falares do norte apresentam uma tendência maior à pronúncia aberta [ɛ, ɔ] e os do sul à fechada [e, o]. Essa divisão

dialetal serviu como base para diversos estudos já que “a realização aberta ou fechada das vogais médias pretônicas é considerada uma marca regional, desde a proposta de Antenor Nascentes, que tomou o parâmetro de realização das pretônicas para a divisão dos dialetos do norte e do sul”. (ARAGÃO, 2003, p. 105).



Fonte: Nascentes (1953, p. 25).

Mattoso Câmara Júnior (1970), em uma perspectiva estruturalista, define as vogais levando em consideração a posição na palavra, em posição tônica: sete vogais /a, e, ε, i, o, ɔ, u/, em posição pretônica cinco: /a, e, i, o, u/, e em posição átona final três: /a, i, u/. Ocorre essa redução vocálica devido ao processo de neutralização, que consiste na perda do traço distintivo entre dois fonemas, /e/ e /ε/, /o/ e /ɔ/, oposição entre fechamento e abertura. Exemplo: [e][e]fante – [ε][ε]fante / B[o]lívica –

B[ɔ]lívia.

A harmonização vocálica e o alçamento sem motivo aparente são dois outros fenômenos recorrentes nas ocorrências das vogais médias pretônicas, contudo, por não se constituírem em objeto de análise do presente estudo, não nos deteremos sobre o assunto.

Dentre os estudos mais recentes, na perspectiva da linguística histórica, sobre as vogais, citamos Basílio (1972), Silva (1989), Cristóvão Silva (1999), Araújo (2007), Viegas e Cambraia (2011) e Mattos e Silva (s.d.).

Basílio (p. 50-51) compara o sistema vocálico do português com o do latim e diz que a diferença mais notória é que as vogais médias no português possuem “graus de abertura, opondo-se as fechadas /e o/ às abertas /ɛ ɔ/, que não existem no sistema latino”.

Para Silva (1989, p. 41), em sua descrição do percurso histórico das vogais pretônicas na língua, “são escassas as referências à realização de vogais antes da tônica, já que elas não interessavam”, aos gramáticos e ortógrafos do século passado, “cuja meta era, quase sempre, o estabelecimento de uma escrita portuguesa”. Todavia, comumente ao se referir às vogais tem-se sempre em mente o sistema normativo gramatical em situação acentuada, sem considerar a sua ocorrência não acentuada, o que

[...] explica as poucas informações sobre as vogais em sílabas pretônicas, que quase sempre se obtém de comentários secundários, às vezes restritos a algumas variedades do português, ou de lista de “erros”. É desse material que se deve valer quem quiser perscrutar o passado (SILVA, 1989, p. 41).

Ainda no plano histórico, Viegas e Cambraia (2011, p. 14), dizem que, no decorrer do tempo, o antigo sistema vocálico latino evoluiu e modificou-se até culminar hoje na distinção entre a pronúncia aberta que se opõe à fechada das vogais pretônicas no português brasileiro. Esses autores observam ainda que “a história do sistema vocálico pretônico da língua portuguesa é complexa e, por isso, demanda dados de diferentes fontes para sua melhor compreensão”.

Sobre a temática, Mattos e Silva (s.d.), assim como Silva (1989) e Viegas e Cambraia (2011), destaca que, para traçar um histórico das vogais pretônicas, dados de gramáticos e ortógrafos são as únicas fontes de que dispomos sobre o passado, pois, como já se disse, a descrição era apenas pelo viés gramatical. Hoje, porém, já se tem dados recentes pautados no estudo do português brasileiro.

Esse desinteresse pelas realizações das médias pretônicas não persiste nos dias atuais. A própria Silva (1989) destaca a importância concedida aos estudos acerca das pretônicas a partir do marco de Nascentes (1953), que despertou o interesse sobre os estudos das vogais no português.

No que se refere a essas variações, Cristóvão Silva (1999, p. 81) diz que as vogais pretônicas podem ser pronunciadas de forma idêntica ou não idênticas uma vez que tal fato é uma “marca de variação dialetal geográfica ou mesmo de idioleto”. No que concerne à importância do estudo das referidas vogais, para essa autora, “embora haja grande número de trabalhos sobre as pretônicas no português do Brasil, urge ainda um estudo mais detalhado e acurado sobre o assunto”.

Outros autores, tal qual Araújo (2007), também mencionam o fato de que as vogais pretônicas têm sido alvo de múltiplas discussões e estudos tanto no âmbito da dialetologia quanto no da sociolinguística. Ela reafirma, assim como Silva (1989), a preocupação que se tinha inicialmente com a questão normativa das “variantes de /e/ e /o/ em posição pré-acentuada”.

Dentre os inúmeros estudos sobre as vogais pretônicas em diversas regiões do país, destacamos os trabalhos desenvolvidos por: Silva (1989), Hora e Pereira (1998), Leite e Callou (2004), Brandão e Cruz (2005), Araújo (2007), Vieira (2010), Pereira (2011), Sousa (2011) e Razky, Lima e Oliveira (2012).

Silva (1989) debruçou-se sobre o estudo das pretônicas no falar baiano, em uma perspectiva Sociolinguística, através de dados do projeto Norma Urbana Culta de Salvador (NUC-SSA), analisando produções de 24 informantes, 12 do sexo masculino e 12 do feminino, todos de nível superior, distribuídos em três faixas etárias, 25 a 35, 36 a 55 e maiores de 55 anos. Os resultados da autora atestam que, no contexto CVC (consoante – vogal – consoante), ocorreu uma predominância das “vogais baixas (nòvela, necessário) exceto em dois contextos: antes de vogal média não nasal (còrreio, cêrveja); e antes de vogal alta, situações em que, na maioria dos casos, ocorrem vogais da mesma altura (pulítica, pirigo)” (p. 312). Silva concluiu que o falar baiano apresenta uma distribuição complementar das vogais pretônicas médias e baixas.

Hora e Pereira (1998) com base nos dados do projeto “Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)”, investigaram também à luz da Sociolinguística, como são correlacionadas as vogais pretônicas mé-

dias na sílaba seguinte pelos pessoenses. Para isso, analisaram 6.401 realizações de /o/ e 8.679 de /e/, totalizando 15.080 casos. Os resultados revelaram que as pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] são expressivas no falar pessoense, embora haja a pronúncia das elevadas [i] e [u], bem como [e] e [o] fechadas “subordinadas à presença das vogais de mesma altura na sílaba seguinte”. Esses autores concluem, dizendo que a harmonização vocálica norteia a variação das pretônicas no dialeto pessoense, o que “justifica a posição da variável vogal da sílaba seguinte que se evidencia como a mais importante em relação às demais variáveis linguísticas e sociais consideradas” na pesquisa.

Leite e Callou (2004, p. 39) destacam o fato de que os estudos das vogais pretônicas têm servido não só para fazer diferenciações “entre os falares brasileiros, mas também entre o português do Brasil e de Portugal”. Com o intuito de estabelecer, assim como Nascentes (1953), uma linha divisória entre os falares do norte e do sul, essas autoras buscam os limites relativos em cinco grandes capitais brasileiras, obtendo, no tocante às pretônicas médias abertas [ɛ] e [ɔ], os seguintes percentuais: “60% em Salvador, 47% em Recife, 5% no Rio de Janeiro, 0% em São Paulo e 0% em Porto Alegre”.

Ao examinarem as vogais médias pretônicas nas cartas fonéticas do *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* e no *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*, Brandão e Cruz (2005) constataram “o predomínio da média fechada (46%) na fala do Amazonas e da média aberta (36%), na do Pará, embora, neste último caso, a variante concorra com a média fechada (35%), tendo em vista que a diferença que as separa é de apenas um ponto percentual”. Brandão e Cruz (2005) concluem que “as cartas selecionadas do ALAM e do ALiSPA confirmam a existência, na fala amazonense e na paraense, de vogais abertas em situação pretônica, como sugerira Nascentes na sua proposta de divisão dialetal do Brasil em áreas linguísticas”.

Araújo (2007), utilizando o método da Sociolinguística Variacionista com os dados do projeto “Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPORFOR)”, examinou as vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza com um *corpus* de 72 informantes, 36 do sexo masculino e 36 do feminino, nas faixas etárias de 15 a 72 anos. A autora atestou, em sua análise, a preponderância das variantes baixas, como por exemplo, “(c[o]rrente, g[e]lado), à exceção de dois ambientes, a saber: diante de vogal média não nasal (p[o]rteiro, d[e]scer) e diante de vogal alta (n[u]tícia, r[i]vista) em que, na maioria das vezes, ocorrem vogais de

mesma altura”. Araújo (2007, p. 141) afirma que:

as pretônicas médias e baixas, excetuando-se alguns poucos casos, ocorrem em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas e médias-abertas antes de vogais abertas. As variantes altas ocorrem predominantemente antes de vogal da mesma altura, mas também ocorrem antes de vogais médias e baixas.

Vieira (2010), tomando como base o *corpus* do *Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES)* e do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, mais precisamente, de Vitória, estudou a manutenção, abaixamento e alçamento das pretônicas /e/ e /o/. Em termos percentuais os resultados do estudo dessa autora revelaram: [e]: 39% (138 ocorrências), [ɛ]: 0,8% (3 realizações), [i]: 57, 6% (204 casos) e outros 2,6% (9). Desse modo, na comunidade estudada, “predomina a regra de alçamento das vogais médias em contexto pretônico”, ao passo que foram mínimos os casos de abaixamento, “ocorrendo somente na capital do Estado, com predominância na fala das mulheres”. Essa autora destaca, por fim, que os resultados de sua pesquisa são apenas um retrato, estudos posteriores podem esclarecer e investigar mais detalhadamente a variação das vogais pretônicas na fala do Espírito Santo.

No Acre, temos dois estudos, o de Pereira (2011) e o de Sousa (2011), o primeiro realizado na capital, Rio Branco, o segundo em três municípios da Regional do Purus (Sena Madureira, Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus).

Pereira⁹ (2011) analisou a realização aberta ou fechada das vogais médias pretônicas /e, o/ em uma zona urbana da capital acriana, Rio Branco, em uma perspectiva sociolinguística, com 36 informantes, 18 do sexo feminino e 18 do masculino, nas idades 16 a 29, 3 a 45 e 46 a 60 anos, com escolaridade de ensino fundamental e superior. Os resultados do estudo de Pereira revelaram que os homens se destacam quanto à abertura, sobretudo da faixa etária mais jovem (15 – 29 anos) entre os níveis médio e superior.

Sousa (2012), por sua vez, cartografou 17 fenômenos fonéticos ocorrentes nas cidades de Sena Madureira, Santa Rosa do Purus e Manoel Urbano, integrantes da Regional do Purus (Ac). Seus informantes, no

⁹ Embora retomemos, de certa forma, a pesquisa de Pereira, é importante destacar que nosso viés se distancia do da referida autora por ela ter trabalhado no âmbito da sociolinguística e por nós situarmos nossa análise na dialetologia e na geolinguística.

total de 12, situam-se em duas faixas etária, de 18 a 30 e de 50 a 65 anos. Nas cartas fonéticas referentes às realizações das pretônicas há os seguintes resultados: preferência pelo alçamento da vogal pretônica /e/ por [i] nos três municípios, Sena Madureira, 84,6%, Manoel Urbano 67, 3%, Santa Rosa do Purus, 53, 8%; no que tange ao gênero, prevalência do alçamento na população masculina, e não tão numeroso quanto o alçamento, ocorrência equiparada do fenômeno de abertura em ambos os sexos.

Razky, Lima e Oliveira (2012) analisaram as vogais médias pretônicas no falar paraense com base nos dados do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*. Os resultados revelam preferência pela pronúncia fechada dessas vogais, pois “as variantes [o] e [e] foram as que se mostraram mais frequente no estado, seguidas, respectivamente, por [ó] (26%) e [u] (23%), para a média posterior; e [é] (35%) e [i] (23%), para a média anterior”. A conclusão a que esses autores chegaram foi que os resultados impõem uma revisão da proposta de Nascentes (1953), “uma vez que demonstram que o Pará, possuindo norma de pronúncia *fechada* das vogais médias pretônicas, não pode ser agrupado aos estados do nordeste brasileiro, como imaginava Nascentes” (1953).

4. Perfil dos informantes, procedimentos, atlas verificados

Para este estudo, escolhemos no banco de dados do projeto ALiAC, 8 informantes na Regional do Alto Acre (Brasileia e Xapuri), 8 na Regional do Juruá (Cruzeiro do Sul e Porto Walter), 8 na Regional do Purus (Sena Madureira, Santa Rosa do Purus e Manoel Urbano)¹⁰, 8 na Regional do Baixo Acre (Rio Branco e Plácido de Castro), totalizando 32 informantes, sendo 16 do sexo masculino e 16 do feminino, com escolaridade máxima até o 5º ano do ensino fundamental, em duas faixas etárias 18-30 anos e 50-65 anos. Os sujeitos da pesquisa são naturais da localidade, não tendo dela se afastado por mais de um terço de suas vidas.

Para a realização da pesquisa, a dividimos em três fases.

Na primeira fase, analisamos os dados do projeto *Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)* já coletados das regionais do Alto Acre (Brasileia e Xapuri), Baixo Acre (Rio Branco e Plácido de Castro), Juruá (Cruzeiro do Sul e Porto Walter) e Purus (Sena Madureira e Santa Rosa do Purus).

¹⁰ Dados do banco de dados do projeto ALiAC.

Os dados foram coletados *in loco* através da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico elaborado pela equipe do projeto *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*.

Para o registro, utilizou-se um gravador digital e um microfone unidirecional a fim de garantir a qualidade do som; na sequência, os dados foram arquivados em computador e em CDROM.

Para a análise, selecionamos as palavras que apresentam variação na pronúncia da pretônica /e/; são elas: terreno, televisão, tesoura, elétrico, fecha, grelha, peneira, fervido, cebola, elefante, remando, estrada, seguro, real/reais, prefeito, escola, defesa, pernambucano, questão, pego, pecado, perdão, pescoço, ferída, desmaio, perfone, perída, perguntar, presenste e esquerdo. Em seguida, fizemos a transcrição grafemática e a fonética. Tabulamos os dados em termos de estatística simples (percentuais).

Na segunda fase, elaboramos as Cartas Geolinguística, considerando os seguintes critérios:

A) Os fenômenos de:

– abertura e fechamento da vogal pretônica /e/.

B) Variação Diassexual e Diageracional:

– gênero em que houve mais abertura da vogal;

– gênero em que houve mais fechamento da vogal;

– faixa etária em que houve mais abertura da vogal;

– faixa etária em que houve mais fechamento da vogal;

Após tabularmos os dados, preferimos exibi-los em termos percentuais para possibilitar a comparação entre os resultados deste estudo aos de Pereira (2011). Na terceira e última fase¹¹, comparamos nossos dados com os registrados no *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* e no *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*.

¹¹ Brandão e Cruz (2005) no trabalho intitulado *Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base no ALAM e no ALiSPA* já fizeram a análise das realizações dessa vogal no ALAM e no ALiSPA.

4.1. Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)

Desenvolvido em uma perspectiva dialetológica, geolinguística e sociolinguística variacionista laboviana, o ALAM representa os falares de nove municípios do Amazonas: Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru e Parintins. Fruto da tese de doutorado empreendido pela professora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Maria Luiza de Carvalho Cruz, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2004, esse atlas possui 107 cartas fonéticas e 150 semântico-lexicais. Cada ponto de inquérito foi composto por seis informantes, de ambos os sexos, nas faixas de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e 56 anos em diante, perfazendo um total de 54 entrevistados, com escolaridade máxima até a 4ª série do ensino fundamental.

4.2. Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)

Esse atlas é parte integrante do projeto *Atlas Geossociolinguístico do Pará*, primeiro atlas sonoro do Brasil, publicado em 2004, resultado do trabalho do Prof. Dr. Abdelhak Razky no Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará (UFPA). São 10 pontos de inquéritos nas seis mesorregiões do Estado do Pará (Abaetetuba, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Conceição do Araguaia, Itaituba, Marabá e Santarém), 600 cartas linguísticas, quarenta informantes, de ambos os sexos, nas faixas 18 a 30 anos e 40 a 70 anos, com escolaridade máxima até a 4ª série do ensino fundamental.

4.3. Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)

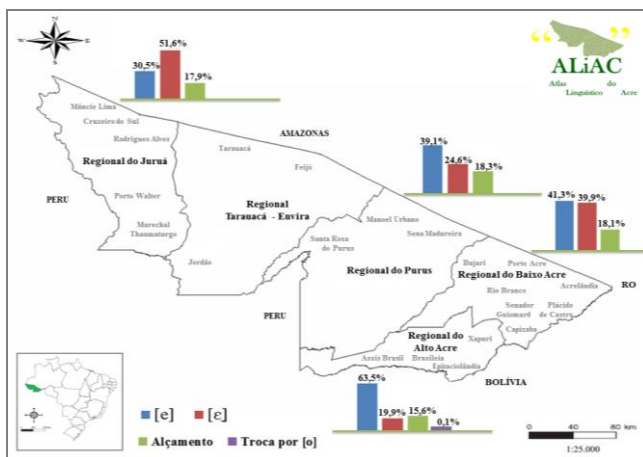
Projeto coordenado pela Profa. Dra. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves no grupo de pesquisa *Centro de Estudos dos Discursos do Acre* (CED-AC), da Universidade Federal do Acre (UFAC), encontra-se em desenvolvimento, comportando vários subprojetos, dentre eles, o *Atlas Fonético do Acre* (AFAC) e o *Atlas Linguístico Sonoro do Acre* (ALSAC).

Os pontos de inquérito constituem-se em cinco regionais: Alto Acre (Assis Brasil, Brasileia e Xapuri), Baixo Acre (Rio Branco, Plácido de Castro e Porto Acre), Juruá (Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima e Porto Walter), Purus (Sena Madureira, Santa Rosa do Purus e Manoel Urbano) e Tarauacá – Envira (Feijó, Tarauacá e Jordão).

Tanto o AFAC como o ALSAC encontram-se fundamentados nos princípios da dialetologia e geolinguística contemporânea e contarão com 40 informantes (20 masculinos e 20 femininos). Tais informantes, quatro por localidade, situam-se em duas faixas etárias, 18 a 30 e 50 a 65 anos, possuem como escolaridade máxima o 5º ano do ensino fundamental e são naturais de sua localidade respectiva.

5. Discussões e resultados

5.1. Análise da realização da vogal pretônica /e/ nos dados do ALiAC



Carta 1. Realização da vogal pretônica na fala acriana.

Analisamos 992 realizações, 142 por regional, porém, como já destacado no item anterior, fundamentamos o exame apenas em índices percentuais, no sentido de estabelecer uma comparação com o estudo de Pereira (2011) e o de Brandão e Cruz (2005). Na carta 1 aparece a realização da vogal pretônica /e/ nas quatro regionais do estado do Acre (Alto Acre, Baixo Acre, Juruá e Purus).

Registramos que, enquanto a Regional do Alto Acre, a do Baixo Acre e a do Purus revelam uma tendência ao fechamento (63,5%, 41,3%, 39,1% respectivamente), a Regional do Juruá, ao contrário, prefere a abertura (51,6%).

Detalhando, há um comportamento variável da pronúncia dessa

vogal nos dados com os seguintes destaques: fechamento na Regional do Alto Acre (63,5%) face à abertura (19,9%); equilíbrio entre os percentuais do fechamento (41,3%) e da abertura (39,9%) na Regional do Baixo Acre; tendência ao fechamento (39,1%) e menor ocorrências de abertura (24,6%) na Regional do Purus; preferência pela abertura (51,6%) e menor casos de fechamento (30,5%) na Regional do Juruá.

Na sequência, compararemos os dados das quatro Regionais (Alto Acre, Baixo Acre, Juruá e Purus) com os de Pereira (2011), e, em seguida, confrontaremos com os registrados no ALAM e no ALiSPA.

5.2. Comparação dos dados do ALiAC aos dados registrados por Pereira (2011)

Comparando os percentuais das Regionais Juruá (2012), Purus (2012), Alto Acre (2012), Baixo Acre (2013) com os dados obtidos por Pereira (2011), no quadro 1 e 2, temos um perfil geral da pronúncia do /e/ pretônico no que tange à variação diasssexual e diageracional (faixas etárias: 18-30, 50-65 anos) no Estado do Acre.

FATOR GÊNERO	Regional do Juruá (2011)			Regional do Purus (2012)			Regional do Alto Acre (2012)			Troca por [o]	Baixo Acre (2013)			Pereira – Rio Branco (2011)	
	e	ɛ	Alçamento	e	ɛ	Alçamento	e	ɛ	Alçamento		e	ɛ	Alçamento	e, o	ɛ, ɔ
Masculino	13,2%	26,9%	9,7%	19,6%	20,7%	9,7%	32,8%	5,0%	11,2%	0,1%	20,6%	20,6%	8,8%	61%	89%
Feminino	17,2%	24,6%	8,2%	23,2%	18,3%	8,5%	30,7%	9,6%	9,5%	0	21,8%	19%	9,2%	38%	41%

Quadro 1. Comparação dos dados das Regionais Alto Acre, Baixo Acre, Juruá e Purus com os dados de Pereira (variação diasssexual).

Examinando a variação diasssexual, constatamos um comportamento bastante aproximado da realização da vogal pretônica /e/, em ambos os sexos, em todas as regionais, não havendo grande distância dos números entre a realização tanto aberta quanto fechada.

Comparando o resultado das quatro regionais com os dados apurados por Pereira (2011), os dela se diferenciam pelo fato de ter um *corpus* maior do que o nosso e por a autora ter analisado o /e/ e o /o/ juntos.

De modo geral, no estudo de Pereira, o sexo masculino destaca-se

quanto à pronúncia fechada tanto do /e/ como do /o/ (61%). Nos nossos resultados, há, conforme já dito, um certo equilíbrio entre as realizações aberta e fechada do /e/ o que talvez possa ser revisto com um *corpus* maior. No quadro 2, continuamos a comparar nossos dados com os de Pereira, desta feita no que tange à variação diageracional.

FATOR IDADE	Regional do Juruá (2011)			Regional do Purus (2012)			Regional do Alto Acre (2012)				Baixo Acre (2013)			Pereira – Rio Branco (2011)	
	e	e	Alçame nto	e	e	Alçame nto	e	e	Alçame nto	Troca por [o]	e	e	Alça ment o	e, o	e, o
15 – 29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	30,99 %	43,9%
30 – 45	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47,2%	29,3%
46 – 60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,9%	26,8%
18 – 30	16,2%	25,3%	8,5%	21,6%	19,5%	8,9%	31,9%	9,4%	8,7%	-	21,4 %	19,4 %	9,2 %	-	-
50 – 65	14,2%	25,3%	10,5%	21,2%	19,5%	9,3%	29,6%	8,2%	12,1%	0,1%	21,0 %	20,2 %	8,8 %	-	-

Quadro 2. Comparação da Regional do Alto Juruá e Purus com os dados de Pereira (variação diageracional).

Pereira utilizou idades diferentes das de nossa pesquisa, portanto selecionamos as faixas mais aproximadas às de nossos dados, 15 a 29, 18 a 30, 46 a 60 e 50 a 65 anos. Tanto na faixa mais jovem (18-30 anos) da Regional do Alto Acre quanto na mais jovem de Pereira (15-29 anos) atesta-se a preferência pela pronúncia fechada, 31, 9% e 30,9% respectivamente. Na faixa mais velha desta regional e da de Pereira há uma diferença não muito grande, 29,6% e 21,9%, no entanto, no estudo da autora, diferentemente do nosso, é a abertura que tem maior ocorrência (26,8%).

Quanto à abertura, a Regional do Juruá revelou percentual igual nas duas faixas etárias e pouca diferença nos percentuais concernentes ao fechamento (16,2% na faixa mais jovem e 14,2% na faixa mais idosa).

5.2.1. A realização da vogal pretônica /e/ no ALAM, no ALiAC e no ALiSPA

Brandão e Cruz (2005) selecionaram as cartas fonéticas do ALAM e do ALiSPA que apresentavam variação das vogais médias pretônicas e as analisaram apresentando os resultados em tabelas. Para efetuar a comparação no que concerne à variação do /e/ pretônico, Brandão e Cruz (2005) escolheram 22 cartas no ALAM e 31 no ALiSPA.

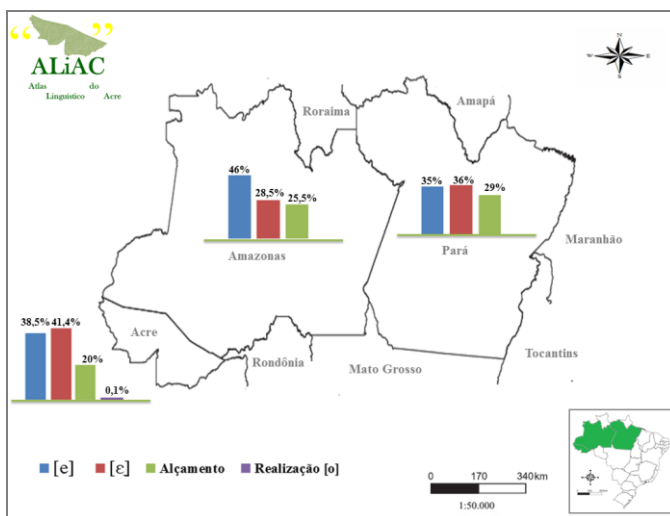
No quadro seguinte, identificamos os números dessas cartas fonéticas e os vocábulos levados em consideração no exame por essas autoras. O quadro foi adaptado, isto é, só utilizamos os vocábulos contendo o /e/ pretônico, descartando os do /o/ pretônico, por não ser objeto de estudo nesta pesquisa.

ALAM		ALiSPA	
Número da carta fonética	Vocábulo	Número da carta fonética	Vocábulo
07	d(e)pois	10	(e)strada
06	b(e)bida	12	r(e)al / r(e)ais
08	(e)ducação	15	d(e)svio
09	m(en)tira	17	t(e)rreno
14	(e)stragada	21	pr(e)feito
15	(e)sgoto	22	(e)scola
16	(e)spinha	27	p(e)rnambucano
17	p(e)scoço	33	p(e)cado
18	t(e)soura	35	p(e)scoço
19	pr(e)sente	49	d(e)smαιο
20	m(e)lancia	64	(e)squerdo
21	m(e)lhor	67	prat(e)leira
22	p(e)rfume	71	t(e)l(e)visão
23	p(e)rdido	73	t(e)soura
32	r(e)al	75	p(e)rfume
33	r(e)ais	77	trav(e)sseiro
47	d(e)sovar	80	(e)l(e)trico
66	dir(e)tora	85	pr(e)sente
82	r(e)sultado	95	s(e)guro
101	d(e)vagar	97	(em)prego
103	r(e)médio	100	d(e)fesa
105	m(e)dicina	108	(en)contrar
-	-	109	p(e)rdido
-	-	110	p(e)rguntar
-	-	121	m(em)tira
-	-	125	d(e)vagar
-	-	133	p(e)neira

-	-	136	f(e)rvendo
-	-	139	c(e)bola
-	-	150	f(e)rida
-	-	152	(e)l(e)fante

**Quadro 3. Vocábulo do ALAM e do ALiSPA examinados por Brandão e Cruz (2004).
Fonte: Adaptado de Brandão e Cruz (2005).**

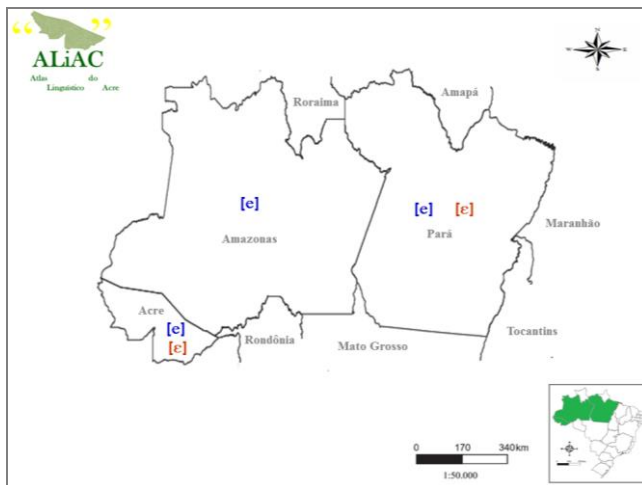
Além de descartar os vocábulos referentes ao /e/ pretônico, deixamos de lado, embora as tenhamos mantido no quadro 3, as palavras cujo /e/ pretônico nos parece não passível de pronúncia aberta, tais quais “emprego” e “encontrar”. Em todo o caso, conforme já foi dito, nossa comparação se fez apenas com os percentuais relativos à abertura e ao fechamento das vogais nos dados dos dois atlas. Na carta 2, reunimos os dados referentes aos três atlas analisados.



Carta 2: Comparação da vogal pretônica /e/ nos dados do ALAM, do ALiAC e do ALiSPA

O Acre apresenta maior tendência à abertura, 41,4%, embora registre também expressiva preferência pela realização fechada, 38,5%.

A pronúncia da vogal pretônica /e/ no Amazonas é majoritariamente fechada (46%), o dobro dos 28,5% para [ɛ]; no Pará a diferença entre as duas realizações é de apenas um ponto percentual: [e]: 35%, [ɛ]: 36%. Na carta 3, apresentamos as tendências de cada estado.



Carta 3: Perfil geral da vogal pretônica /e/ nos falares do Amazonas, Acre e Pará.

Portanto, diante do exposto, pode-se afirmar que, relativamente à pronúncia da vogal pretônica /e/ no Acre, a proposta lançada por Nascentes (1953) ainda continua válida, ao passo que, no Pará, tem-se um equilíbrio entre as duas pronúncias, e no Amazonas a ocorrência das vogais abertas em contexto pretônico não é tão expressiva, ou seja, confirma-se maior tendência ao fechamento da vogal pretônica /e/.

Assim, no que se refere à delimitação de Nascentes (1953), cabe destacar que a Região Norte é muito extensa para que haja em sua fala inteira uniformidade e, sobretudo, que a questão da variação não se condiciona somente pelo aspecto geográfico.

6. Considerações finais

Os dados desta pesquisa mostram que o Acre possui maior tendência à pronúncia aberta da vogal pretônica /e/, o Amazonas ao fechamento, e o Pará ao equilíbrio das duas realizações. Logo, conclui-se que os falares amazônicos possuem um perfil linguístico variável e diversificado, ou seja, não existe uma uniformidade e sim uma heterogeneidade linguística.

Esse resultado não confirma as demarcações de Nascentes, muito baseadas em divisões geográficas, mas confirma, de certa forma, uma ocorrência expressiva da abertura da vogal, haja vista que no ALiAC ela

foi majoritária, no ALiSPA ela se equilibra com a realização fechada e apenas no ALAM perde significativamente para o fechamento.

Por outro lado, não se pode ignorar que os dois estudos – o de Nascentes e a presente pesquisa – realizaram-se em épocas muito diferentes, 60 anos de diferença de 1953 a 2013, nesse lapso de tempo mudanças nos falares locais tenham ocorrido desde a percepção do referido autor. Pereira (2011) já alertava para uma mudança na tendência histórica à abertura da vogal pelos acrianos, mudança esta possivelmente motivada pela mídia e pela migração de pessoas do centro-sul para o Acre a partir de 1970. Dessa forma, não se trata de contrapor a presente análise às marcações de Nascentes, mas de verificar se a tendência à abertura das vogais é, de fato, uniforme na região, ou diferenciada.

Finalizando, cabe destacar o interesse de se efetuar pesquisas em dados de outros atlas linguísticos referentes aos demais estados do Norte do Brasil, a exemplo do *Atlas Linguístico de Rondônia* (ALiRO), em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. *Revista de Letras*, vol. 30, n. 1/4, jan.2010 /dez.2011.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos dialetais de geolinguísticos no Brasil*. RRL, LIII- 1–2, p. 125–140, Bucuresti, 2008. Disponível em: <<http://www.lingv.ro/RRL%201-2%202008%20Silva%20de%20Aragao.pdf>>. Acesso em: 04-04-2013.

_____. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida. *Documentos 1: projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Edufba, 2003.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007. Tese (Doutorado em linguística). Universidade Federal do Ceará (UFC);

BASILIO, Margarida Maria de Paula. *Aspectos do sistema fonológico do latim e do português estudo contrastivo*. 1972. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Um

estudo contrastivo sobre as vogais pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. Projeto Atlas Linguístico do Brasil – projeto ALiB: descrição e estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 1, p. 185-198 jan./jun. 2009.

_____. O projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida. *Documentos 1: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Edufba, 2003.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração. *SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos*, Manaus: UFAM, 2006.

_____. *Atlas linguístico do Amazonas*. 2004. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.

HORA, Dermerval da; PEREIRA, Regina Celi M. Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das médias pretônicas. In: *Graphos*, vol. III, n. 1, p. 63-74, 1998.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Como se estruturou a língua portuguesa? *Museu da Língua Portuguesa: Estação da Luz*. Disponível em: www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_10.pdf. Acesso em: 04-04-2013.

MESSIAS, Lindinalva. *Projeto Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)*. CEDAC/UFAC, 2012.

MOTA, Jacyra Andrade. Constituição do *Corpus* do Projeto ALiB: procedimentos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida. *Documentos 1: projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Edufba, 2003.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PEREIRA, Ceildes da Silva. *A realização aberta ou fechada das vogais médias pretônicas /e, o/ no falar de uma zona urbana de Rio Branco (AC)*. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2011.

RAZKY, Abdelhak. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiS-PA)*. Belém, 2004. 1.1. CD-ROM. Windows.

_____; LIMA; Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. As vogais médias pretônicas no falar paraense. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 293-310, jun. 2012.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida. *Documentos 1: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Edufba, 2003.

SILVA, Lucia Helena Ferreira da. *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves*. 2009. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus.

SILVA, Myrian Barbosa de. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUSA, Gracione Teixeira de. *Atlas linguístico do Acre: cartas fonéticas da região do Purus*. Rio Branco: UFAC, 2011.

TELES, Ana Regina; RIBEIRO, Silvana. Apresentando a cartografia para os linguistas: o Projeto ALiB. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.). *Documentos 2: projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

VIEGAS, Maria do Carmo; CAMBRAIA, César Nardelli. Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando e passado e presente. In: VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

VIEIRA, Shirley. *O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo*. 2010. Dissertação de mestrado em linguística. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.